

A mente incomparavelmente

Paulo Roberto Carrano

Dedico este ensaio à uma apreciação da onnipresença da linguagem, como estrutura estruturante. Sendo tanto um reservatório, como uma instância causativa, dinâmica e atuante, o Inconsciente – que (não) vou dizer ser estruturado como linguagem - é uma suposição que nos leva a uma enorme riqueza de conteúdo. Sigmund Freud e Jacques Lacan são os nomes aos quais recorro no desenvolvimento desta narrativa. Trabalharei sobre o jogo de significantes e significações produzidas da forma como me vier, numa escrita contínua – uma associação mais ou menos livre, se é que há sentido em falar de uma total liberdade de associação. Um significante que se destacou e produziu um grande eco após minha última sessão¹ de análise foi o *Incomparável*. O corte, a escansão², precedida pela devolução da inocente palavra, isso foi o que me auxiliou a um desenrolar metonímico, um descongelar da metáfora. Destaco que sem metonímia não há metáfora.

Marcantemente presente em meu vocabulário, pensamentos e emoções, tal significante é repetido, feito ação, sem ser (re)elaborado. Sustento a ideia de que a criação, a invenção, tal como a apresentada neste ensaio, ou melhor, este ensaio em si, isso pode funcionar no sentido de uma pequena liberdade conquistada ao desatar desses nós, no contemplar da criação, ao recriar ou criar algo daquilo que não cansa de não se inscrever e daquilo que sem existir foi perdido. Antes de ser um texto teórico em padrões rígidos de escrita científica, esse ensaio é mais uma espécie de leitura semiótica e, então, hermenêutica de (meu) mundo. O escrever é, neste formato de descrever, inscrever. Algo

¹ Chama minha atenção a homofonia heterográfica: Cessão, Sessão, Seção. Também a Cessação.

² Escansão, como a separação das sílabas poéticas. Ao mesmo tempo, Escanso -> Descanso, sendo uma pausa na associação por conta do fim da sessão.

que busca agregar novas formas e possibilidades. A expressão “desatar os nós”³ aponta, de cara, para uma separação, um desatar de um algo em nós mesmos.

Trago aqui o recorte de apenas um momento pontual, mas, pela natureza da metáfora, temos uma quantidade imensurável de conteúdos latentes inconscientes, o que tenho intenção de superficialmente ilustrar aqui. Os convido ao testemunho deste exercício de associação livre em uma forma predominantemente escrita, porém, também pensada, sentida, vívida e vivida. Ao fim da sessão, eu falava de algo incomparável e a frase que ficou em suspenso, cortada, e que foi recorrentemente evocada de minha memória é: ”...uma nova vida para morrer o mundo”. Se era para mover o mundo, deixo a questão em aberto para o leitor, como está para mim.

O que é incomparável e o que é o incomparável? Ao desobstruir essa artéria de sentidos, sinto que há novos conteúdos e afetos circundando tal significante. Apresento minha cadeia de associações a seguir, mutilada em sua fluidez por meus acréscimos interpretativos. As partes tachadas foram reescritas para que o link com a palavra não se perca. Devem ser, por esta razão, ignoradas. Indico os idiomas italiano, inglês e alemão respectivamente por (it), (en) e (de). Tomei a liberdade de usar palavras de alguns outros idiomas com os quais tenho familiaridade e, digamos, prática, pois essa mistura de idiomas é algo muito presente em meu dia a dia, e nas noites, em sonhos políglotas. Diversas vezes escuto uma palavra por outra ou a leio de forma a dar outros sentidos. Isso não apenas chistosamente me diverte, mas também me serve como fonte de criatividade, que julgo necessária para meu bem-viver.

Retomo aqui o significante *Incomparável* num sentido de adjetivo que se faz verbo ou que se apresenta como um outro substantivo:

Incomparável -> ~~in~~comparável = imparável -> não-parável. O quê? Comparar.

~~in~~comparável -> imparável -> *imparare* (it) = aprender. Quem imparar, aprende

~~in~~comparable (en) = *parable* (en) = parábola (narrativa alegórica; curva simétrica, em geometria)

³ Desafixar-me dos significantes envolvidos nos Sintomas que me trazem sofrimento.

~~In~~comparável -> com-parável -> comprável (comparar e comprar)

Incomparável -> in-comprável -> impagável -> ... -> de valor inestimável

Comparar é pensar. Pensar é substituir uma coisa por outra. Isto logicamente implica um registro Simbólico, o que permitiu a raça humana apreender e aprender um pouco com sua própria história. As parábolas nos transmitem lições éticas. Em geometria analítica, a simetria de uma parábola nos permite apreciar a distribuição de seus pontos, equidistantes de uma linha (diretriz) ou ponto fixo (foco). É como se colocássemos uma curva em frente a um espelho e olhássemos de um terceiro plano. Dessa nova posição, esse olhar pode ser pensado como uma retificação subjetiva, necessária para entrada em análise. Comparar e comprar parecem ser uma doença comum na modernidade. Sob um imperativo de gozo, somos induzidos a comprar e comparar o tempo todo. O mercado implica consumidores e é nesse jogo que somos nós os consumidos, disputados por grandes companhias. Neste sentido, o que é impagável e inestimável (imensurável) é nossa energia vital, que se esvai num mundo de propagandas que cinicamente nos sugere que tudo é possível.

Digo que o prefixo In- em português pode se referir a privação ou negação (ilegal, inacessível, inaceitável, inegável, inadmissível etc), movimento (induzir, imiscuir-se), dentre outras possibilidades. Pensando a mesma partícula, em inglês e alemão, sua pronúncia não difere In de Im, quando lida, digamos, em português. Dessa forma, “I am” = I’m -> Im -> In. Isso forma *I am in* (en). O que primeiro se associa a isso é uma ideia de engajamento, na qual *I am in*. Este mesmo efeito de contração é também presente no idioma inglês, por exemplo, em: I will = I’ll -> Ill. Aqui se associa *Ill* (en) e *Will* (de, en) que, em português, pode ser traduzido respectivamente como Doente e Vontade (dentre outras possibilidades). Como substantivo, podemos associar: *Willness* (de) -> *Willenskraft* (de) e *Willenstärke* (de) = força de vontade com *Illness* (en) = enfermidade. Uma doença da força de vontade.

Popularmente, diz-se que querer não é poder. Temos que um querer gera, sem um meio para satisfazê-lo, frustração. A pulsão não aceita a não-satisfação. No caso de impossibilidade, ela se dirige para o interno, para o imaginário, para a fantasia. Neste movimento de impossibilidade e satisfação forçada, tem-se uma fixação, uma hipertrofia, ocorrendo algo como se ela transbordasse no corpo, por não encontrar outra possibilidade

no externo. Isso daria origem ao sintoma, que aparece no corpo, pois as pulsões se originam no limite entre o corpo e a alma e é originalmente uma necessidade do corpo.

Retomemos o significante novamente e pensemos nas associações que surgem na forma verbal:

Parar -> Amparar -> Reparar (notar algo, consertar) -> Equiparar -> Separar

Com parar -> separar, lidar com

Parar e Amparar estão intimamente ligados no sentido em que dão a ideia de um cessar do movimento. Está lá parado, *am*(de) parado. Digo que este seria um tempo de ver, de uma mudança de posição em que devo notar o que está ali parado, afixado e (re)considerar meu envolvimento naquilo que reclamo, minhas responsabilidades em minhas formas de sofrimento e satisfação. Isso por si só leva a um movimento, a retificação subjetiva, onde o Reparar entraria como o trabalho analítico, fazendo e refazendo conexões numa guerra contra resistências. Equiparar implica o estabelecimento de uma relação de comparação. Uma coisa é elevada a uma condição de igualdade para com outra coisa em determinado critério. É justamente isso que permite comparar, diferenciar laranjas de maçãs ao mesmo tempo em que as iguala na condição de serem frutas, em quantidade de unidades etc. O Equiparar traria consigo uma compensação, onde um balanço é afetado. Nesse movimento, em que os sintomas geram sofrimento por falharem, algo se ganha. Ganha-se algo também ao nos separarmos. Esse jogo de perde e ganha é bem representado pela questão da escolha entre a vida ou a liberdade, a bolsa ou a vida, onde uma escolha não é de fato possível, pois acarretaria numa perda dupla. A questão é: deixo de ser Real onde existo para ser substituído por um significante que ocupa um lugar dentro da cadeia de desejo do Outro. Esta é a alienação. Sem uma separação, isso pode resultar numa estrutura psicótica.

Temos que o Comparar, condição do Equiparar, desdobra-se no Separar, no sentido de uma desalienação. Aqui encontro uma possibilidade e a necessidade de uma reformulação, uma nova relação de “Com parar”. Com o Parar, sigo paradoxalmente parando: parando de comparar, mas *imparando* (it) muito. A separação é uma operação lógica, condição essencial para o desenvolvimento de uma neurose sadia, sendo uma

tarefa estrutural e essencial, sair desse lugar de desejo do Outro para ascender como sujeito desejante. Não se trata aqui da separação ou perda de uma pessoa física. Ilustrando superficialmente, na alienação temos um Outro completo, ordenador e portador dos significantes. Na separação, tem-se um Outro faltante. Após a separação, nada impede um retorno da alienação, que se daria com a fixação do sujeito como objeto frente ao desejo do outro. A separação que busco seria, ao fim da análise, aquela derradeira, que me levaria a me deparar com a falta como causa do desejo para além de suas fixações – a travessia do fantasma.

Façamos um último salto num retorno ao significante, desta vez considerando sua função de advérbio. Uma divisão nos sugere mais associações:

Incomparavelmente -> incomparável-mente -> o incomparável mente + a incomparável mente

Quem mente? Que mente é incomparável? Meu mundo, incomparável. O que será que tem a ver com isso? Parece ao mesmo tempo um mundo grandioso e, por resistência da realidade, inabitável. A alienação ilustra a ideia de que eu deixo de ser onde existo para existir onde não sou. Sou uma coisa Real e deixo de ser, ao me alienar ao significante oferecido pelo Outro (nome próprio, dentre outros). A alienação e a separação são, de certa forma, ambas dependentes da linguagem, do significante, e as duas operações se referem a entrada no mundo Simbólico, com a inscrição da metáfora paterna. Ao ignorarmos a questão da origem da linguagem, podemos dizer que a alienação implica, assim como no Outro, a existência da linguagem. O movimento de separação é sugerido pela frase “o incomparável (Outro) mente”. Neste encontro com esse Outro faltante, que antes ocupava uma posição de completude, tendo a mim na posição do falo, tem-se agora um desejo desse Outro para além de mim. Ou seja, já não sou mais tudo para ele. É neste movimento de reconhecimento que historicamente me liberto. Já a incomparável mente, esta é a minha mente, incomparável, narcísica, que também mente.

Ao pensar o que não para de se comparar, o que se apresenta a mim como tese é o fato de que tudo relacionado a uma comparação é nada mais do que uma repetição mediada pela fantasia, que nos serve como referência para não sermos esmagados pelo

Real da realidade. A ideia do Incomparável só surge em referência à ideia de comparação, comparando o comparável ao incomparável. Interessante pensar a formação do Ego pela comparação, ou melhor, por identificações. Não há como pensar uma coisa sem compará-la a algo, sem as colocar em relação. Desta forma estamos, ao pensarmos, sempre comparando. A comparação está sempre operante na dialética entre invenção e convenção, é como criamos a cultura do outro criando a nossa, quando dizemos que $A = B$ pois A e B são diferentes de C. O Incomparável surge então aqui como um paradoxo. O incomparável é comparado ao comparável. O incomparável é o Real, que está para além de uma comparação da ausência com a presença, pois não pode ser inscrito.

Alfim, gostaria de tentar oferecer algum tipo de conclusão sincrônica de minha análise, mas como esta não chegou a um final, não posso concluir nada. Espero ter ilustrado o fato de que palavras são significantes, bem como o silêncio, que seria a ausência delas, dentre outras possibilidades. Devo oferecer uma analogia que pensei enquanto escrevia este parágrafo: ao observar minha namorada montar um quebra-cabeças, penso na cadeia significativa. Seu método é primeiro encontrar as bordas, fazendo uma espécie de circunscrição. As peças deverão estar ali dentro e não faz sentido pensá-las fora desses limites. Em analogia, na psicose isso seria colocar a peça fora da delimitação, ou melhor, incluir a própria delimitação para fora - a foraclusão.

Podemos pensar uma analogia com a mecânica quântica e as probabilidades de encontrar uma partícula em determinada caixa. As bordas do quebra-cabeça e da caixa fariam a equação resultar em igual a 1, ou seja $100/100 = 100\%$. Tal partícula estará, assim como as peças do quebra-cabeça, dentro dos limites dessas bordas, que dá sentido e direção em sua montagem. A associação de peças é possível e se dá mais facilmente sob a referência dessa fronteira entre interno e externo, onde estas podem ser inscritas, produzindo sentido lógico. Peças soltas e isoladas não produzem por si só, assim como os significantes, efeitos de produção de sentido. A imagem que se tem ao final não é de fato um objeto como uma coisa-em-si, mas um significante, que é pensado, por definição, em uma cadeia de significantes. O Simbólico e o Imaginário dão suporte para o Real. Isso está relacionado com o que foi escrito até agora, considerando exceções referentes à estrutura da psicose (e perversão).

Enfim, como que recalçado pela operação de alienação, o Real do ser é trocado pelo Simbólico, que vem lado do Outro. Precedente à alienação, vivemos em um mundo de satisfações. Com o corte da linguagem, a comunicação nos força a escolher entre a

bolsa ou a vida, ou neurose ou psicose, para ser mais direto. A ironia do dito popular que diz que “Quem não chora não mama” está no fato de que quem chora ou mesmo tenta explicitamente falar aquilo que quer, não necessariamente ou prontamente encontra satisfação, nem no caso do bebê-cuidador(a), e tampouco em relações amorosas. A perda da bolsa faz a vida se tornar incomparável àquilo que poderia ser. A perda da vida, exclui ambas. O que quis indicar aqui é que a passagem de um puro princípio do prazer para o de realidade traz consigo a perda irremediável de algo incomparável. Ainda que busquemos a vida hedonista de puro prazer, a realidade inevitavelmente bate à porta. Tudo é possível, mas tudo tem um custo, quando não um preço.

Há um dispêndio de energia para postergar o prazer numa consideração para com a realidade. O que descaradamente fiz foi tentar driblar resistência por meio de saltos, de não-ditos: conteúdos, lapsos de escritas que levariam a discussões que foram quase que propositalmente evitadas e omitidas. Na mesma sessão, recordo-me de um ato falho. Disse “complexo de Ódipo”, pois falava em ódio. Também falei em inglês que procurava *a way* (en) (uma forma ou modo) para fazer algo, mas que acabei *away* (en) (longe) de os encontrar. O Longe não existe no Inconsciente. O que cria a aparente distância é o recalque, mobilizado por questões como a morte e a sexualidade – desejos infantis incestuosos.

Como num pesadelo, há uma resistência oposta a um pesado-elo, o qual a consciência não suporta, então acordamos. Tal elo da cadeia que é, então, excluído. Digo que o ato maior de resistência é a conclusão do texto em si. Após este ponto, vejo que uma análise diacrônica levaria a outras possibilidades, de forma que considero, então, o presente trabalho como um movimento, não passível, no momento, de uma conclusão. As associações são minhas e a presente análise parcial também. Saliento que há uma tensão e uma intenção. Há uma influência (inconsciente) e uma fluência do pensamento. Se o escolher de toda e cada palavra que aqui os ofereço fosse feito conscientemente, o resultado seria uma inibição da fala, uma in-fluência no sentido de não-fluência, de inibição. Isso transformaria intenção em in-tensão, ou seja, em uma tensão. Eis a razão pela qual faço análise e, principalmente, escrevo, para me aliviar, para me compreender e para trilhar um caminho no qual eu possa sustentar meu desejo, de analista.

Como resolução para uma questão que envolve uma falsa escolha, a de ter a vida sem a bolsa, escolhemos a vida, decepada de um saber, uma verdade sobre nós. A concepção de uma vida sem a bolsa traz consigo a ideia de que o sujeito existe a partir de

uma divisão, de um saber e um não saber sobre si, o que sugere a existência do Inconsciente. Imagino que possuir a vida e a bolsa seria impossível, mas incomparável. Estamos aqui no nível de uma alienação. Ao considerar a separação, ofereço-os um aforismo, no qual pensei ao acordar esta manhã: a vida é um quebra-cabeça incompleto e a peça que falta é a Verdade, ou objeto a.